

A DISTINÇÃO DAS CLASSES SOCIAIS SEGUNDO O CONCEITO DE CAPITAL CULTURAL EM BOURDIEU, E A TEORIA DA CLASSE DE LAZER DE THORSTEIN VEBLEN.

Evânia Elizete Reich¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar a sociologia de Bourdieu, naquele âmbito em que o sociólogo estuda a heterogeneidade das classes sociais através da relação da natureza dos capitais adquiridos, isto é, o capital econômico versus o capital cultural, e a sociologia de Veblen, o qual parte da ideia que a sociedade é desde sempre o palco do teatro de conflitos e dominação, no interior da qual os indivíduos são movidos pelos seus instintos e pulsões irracionais em busca de distinção e superioridade social. Em ambos os autores, o poder econômico é antes de tudo o poder de colocar a necessidade econômica à distância. Entretanto, tentar-se-á mostrar que enquanto no modelo de Bourdieu, o indivíduo é socialmente classificado pela orientação de suas práticas que manifestam as características de seus “habitus”, e assim, de seu status social, mas não é ele propriamente o autor dessa manifestação, em Veblen, ao contrário, o autor é absolutamente consciente de seu ato e o próprio motor da sua ação consumista ostentatória.

Palavras Chaves: Capital cultural, Distinção, Classe de Lazer, Ostentação.

ABSTRACT

The present article aims at introducing Bourdieu’s sociology, within the context of the sociologist’s studies of the heterogeneity of social classes through the nature of acquired capitals, namely, the economic capital versus the cultural capital, and Veblen’s sociology, which starts from the idea that society has always been the scene of conflicts and domination, wherein individuals are moved by their instincts and irrational pulsions in the search for distinction and superiority. For both authors, economic power is first and foremost the power

¹ Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina

to keep economic necessity at a distance. However, while Bourdieu's model strives to show that individuals are socially classified by the orientation of their practices which enact the characteristics of their "habitus", and thus, of their social status, but without them being the actual authors of that enactment, Veblen, on the contrary, asserts that the author is absolutely conscious of his act and the actual engine of his consumerist and ostentatious action.

Keywords: Cultural capital, Distinction, Leisure class, Ostentation.

1. INTRODUÇÃO

A ciência econômica tradicional consiste geralmente em dissociar as ações econômicas de sua essência social e humana. Bourdieu, através de seus inúmeros estudos e pesquisas de campo sobre a relação entre o indivíduo e as suas diversas maneiras de consumo nos leva a pensar não mais na possibilidade de um discurso econômico clássico que associa o modelo econômico à uma fórmula matemática e universal, mas antes a integração deste ao seu dado social e histórico. Portanto, contrariando aquilo que expõe a teoria neoclássica, para Bourdieu o mercado não é mais o resultado de um simples encontro racional entre oferta e procura baseado exclusivamente em um cálculo econômico, e sim, os agentes, inseridos no jogo do mercado, são dotados segundo o autor, de capitais culturais e econômicos diferentes.

Para Bourdieu, o capital cultural é tão importante quanto o capital econômico na divisão das classes sociais. Tudo vai depender sob a ótica de qual "campo" estamos falando. No que diz respeito à questão do gosto e a relação com o seu consumo simbólico ou real, a moeda que parece nomear o polo dominante e o polo dominado é o capital cultural, mais do que o capital econômico. Duas questões importantes nos interessam no presente trabalho: a primeira diz respeito à questão de saber se essa separação de Bourdieu ainda faz sentido nos dias atuais, diante de um mercado de produtos em constante mutação, em uma sociedade altamente consumista. A segunda é a de saber se o uso do conceito de capital cultural é metafórico ou real, isto é, o capital cultural no final das contas é só mais um desdobramento de um capital econômico ou efetivamente ele consegue se livrar da vertente econômica?

Através das análises feitas por Bourdieu em seu livro "La distinction: critique social du jugement", publicada em 1979, pode-se melhor apreender a relação que existe entre classe social e o consumo de bens culturais. O subtítulo da obra indica o apelo e a crítica à obra de Kant, mas o que nos é importante na presente investigação é a análise do capital cultural feita

pelo autor a fim de que possamos compreender o que estaria por detrás das nossas escolhas e de nossos gostos em matéria de consumo cultural. Segundo Bourdieu, o gosto não deve ser analisado em termos de bom ou ruim, mas antes é preciso relacionar ao contexto social. O que não significa dizer que “gosto não se discute” e que qualquer gosto possui a mesma importância, mas, sobretudo que tanto o gosto quanto nossas escolhas de consumo cultural são regidas através do nosso posicionamento na sociedade e do momento histórico no qual estamos inseridos. Os objetos em si mesmo não são classificados *a priori* como belos ou feios, mas sim, a maneira como nos apropriamos dos objetos do mundo exterior está diretamente ligada às estruturas mentais determinadas pela época na qual vivemos e pelas divisões sociais existentes. A apreensão dos objetos é realizada assim a partir de estruturas cognitivas determinadas pelo lugar social que ocupa o indivíduo, lugar este que não é estático, mas antes dinâmico. Não existe conhecimento dos objetos em si, mas conhecimento determinado pela estrutura social, isto é, o julgamento estético é a materialização de sua situação no conjunto das forças sociais do momento. São estas que permitem a recusa ou a aceitação de um determinado tipo de arte, de uma moda vestimentar ou de uma tendência alimentar. A aceitação ou recusa a um produto se dá através de uma espécie de estado comum da sociedade; estado este que engendra as distinções entre o bom e o ruim, o fino e o grosseiro, o belo e o feio. Para Bourdieu, a capacidade de julgar os valores estéticos é a concretização material das relações sociais, e é o produto de uma distinção de classes sociais.

Tal como Bourdieu, Thorstein Veblen é um crítico feroz da sociedade de seu tempo, bem como das teorias econômicas que pretendem explicar esta sociedade. Veblen é o autor que cria a expressão “economia neoclássica”, que designa uma continuação e não uma ruptura entre a economia política clássica e a nova economia marginalista. O autor considera que a economia neoclássica está atrasada em relação à realidade sobre a qual ela pretende explicar. Ela é abstrata, dedutiva e estática, e por isso mesmo é incapaz de explicar o crescimento econômico e as suas crises. Ela permanece fechada a todas as outras disciplinas que poderiam lhe ajudar a melhor formular seu entendimento sobre a sociedade, tais como a sociologia e a história. Tal como Bourdieu, Veblen entende que é preciso uma visão multidisciplinar para compreender a evolução social e a transformação das instituições. A teoria econômica possui uma concepção estreita do ser humano, que não leva em consideração os ensinamentos da biologia, da etnologia e da psicologia. O *homo oeconomicus* é um átomo passivo, um

calculador de prazeres e de sofrimentos, repleto de desejos que não correspondem em nada à própria realidade do que ele é.²

Se para Bourdieu, o capital cultural é um vetor indispensável para a distinção das classes sociais, para Thorstein Veblen, em sua obra publicada 1899, “Teoria da classe do lazer”, o que distingue os indivíduos em classes é a sua capacidade de consumo e a sua disposição de ostentação desses bens. Muito mais antiga que a teoria de Bourdieu, a teoria Thorstein pode nos trazer talvez uma melhor compreensão da divisão de classes de nossa sociedade contemporânea.

O presente trabalho tem como pretensão através da noção de capital cultural em Bourdieu e a noção de consumo e lazer ostentatório em Veblen mostrar; 1) de que maneira os autores conseguem explicar a distinção entre as classes sociais a partir de seus conceitos; 2) Se a distinção entre capital cultural e capital econômico ainda é válida nos dias atuais, diante de uma sociedade altamente consumista e um mercado infinitamente pluralizado e cambiante; 3) Apresentar uma outra maneira de distinção das classes sociais, através do conceito de Veblen de classe do lazer. A partir do entendimento da sociedade a partir do consumo e do lazer ostentatório, mostrar que o pensamento de Veblen pode ser considerado mais atual do que a divisão de classe através do conceito de capital cultural de Bourdieu.

2. AS CONDIÇÕES ECONÔMICAS, O CAPITAL CULTURAL E AS DISTINÇÕES DE GOSTOS.

Segundo Bourdieu, “o poder econômico é, antes de tudo, o poder de colocar a necessidade econômica à distância”³. Esta afirmação um tanto quanto ambígua parece indicar a ideia segundo a qual quanto mais os indivíduos são detentores de um poder econômico, mais é a sua capacidade de adquirir bens de consumo caracterizados como supérfluos. A sua ligação com o objeto de consumo não se dá através de uma necessidade preeminente, mas ao contrário pelo seu uso desnecessário. O consumo material do bem cultural em suas inúmeras ramificações está ligado diretamente ao poder econômico dos indivíduos e ao seu poder de desprendimento das coisas diretamente necessárias ao sustento da vida. “O consumo material ou simbólico da obra de arte constitui uma das manifestações supremas da *abastança* no

² Cf. ARON. *Avez-vous lu Veblen?* Prefácio In: *Théorie de la classe de loisir*. Paris: Gallimard, 1970, pp.VII-XLI.

³ BOURDIEU, *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008, p.55.

sentido de condição e, ao mesmo tempo, de disposição que a linguagem comum atribui a esta palavra”⁴. Bourdieu insiste em uma relação entre o poder aquisitivo e o consumo de bens culturais. Tanto mais livre dos inconvenientes financeiros, mais livre é o homem para o consumo da arte, da cultura, em geral, tanto no sentido material quanto simbólico. A disposição estética é inversamente proporcional às necessidades econômicas. O homem cujo fruto do seu trabalho é limitado ao sustento de sua família não tem a liberdade, isto é, o capital econômico e cultural para a fruição do bem cultural ou do objeto da arte.

O capital econômico, portanto, é relevante tanto na disponibilidade de erários indispensável ao consumo do bem cultural, quanto na aquisição do capital cultural, mas também no desprendimento que o indivíduo alcança na sua relação com o bem útil. Essas três ideias que Bourdieu vai desenvolvendo ao longo do seu livro são importantes na compreensão da relação entre classe social e consumo de bem cultural. Tanto o capital cultural quanto o capital econômico são importantes no distanciamento ou aproximação da fruição simbólica e material do bem cultural. Mas, em que medida um tipo de capital possui maior influência na escolha dos bens de consumo? O capital cultural estaria de alguma forma completamente livre do capital econômico?

Para Bourdieu a utilização do capital cultural somado ao capital econômico gera a produção do capital simbólico, cujo consumo de bens, sejam eles materiais ou frutivos, produz a distinção de classe. O *habitus*⁵ do consumo de um bem recebe um valor social pelo uso social a que é submetido, assim um bem de consumo recebe sua distinção pelo valor simbólico atribuído pelo seu consumidor. O consumo e o uso de bens de luxo, como as obras de arte, o vestuário, a prática de um esporte elitizado como a equitação, o golfe ou tênis, recebem outro valor que vai além da sua finalidade objetiva. Um casaco, em princípio, tem como finalidade manter um corpo aquecido, no entanto, um casaco da marca Chanel passa a ter um valor simbólico a partir do momento em que ele é considerado um meio de distinção diante das classes sociais. Nem todos podem adquirir um casaco da Chanel, é preciso certamente um capital econômico, mas segundo Bourdieu também um capital cultural. Ou seja, o que leva uma determinada classe - mesmo depois de consubstanciada sua possibilidade econômica - à aquisição de um casaco da Chanel, ou a prática do golfe e não a do futebol é a

⁴ *Idem*, p. 55.

⁵ O conceito de *habitus* bourdiano renova profundamente a teoria das classes sociais na medida em que elas não mais se definem pela posição ocupada nas relações de produção, mas pelo compartilhamento e a transmissão de um certo número de traços culturais que condicionam os comportamentos individuais e contribuem à edificação de fronteiras simbólicas. Cf. COULANGEON. *Classes sociales, pratiques culturelles et styles de vie: Le modele de la distinction est-il (vraiment) obsolète?* Revista Sociologie et société, volume 36, n. 1, 2004, p. 59-85.

sua característica semelhante em torno do capital simbólico almejado pelo consumo destes bens.

A questão que surge é se ainda podemos manter a validade da distinção das classes através do capital cultural de Bourdieu, ou seja, o fato de um indivíduo possuir uma determinada bagagem cultural é suficiente para explicar a sua disposição em adquirir determinados bens que de outra maneira não lhe interessaria? Ou, como vai explicar Veblen, o que ínsita um indivíduo no consumo de determinados objetos de luxo é a sua vontade de rivalizar e sobressair-se aos outros indivíduos que fazem parte de sua sociedade? Segundo Veblen⁶, o consumo ostentatório é a manipulação encontrada pelo consumidor com o objetivo de mostrar o seu nível e o seu pertencimento a uma classe econômica. A diferença destes dois conceitos, capital cultural e capital econômico pode nos ajudar na interrogação sobre a própria categoria de Bourdieu de capital cultural e sua validade nos dias atuais. Isto é, estamos diante de uma classe de consumidores que ainda se distingue pelo seu capital cultural, ou simplesmente pelo seu capital econômico? Se pensarmos que o indivíduo das sociedades contemporâneas capitalistas está mais inclinado na aquisição de bens de consumo apenas como símbolo de ostentação e prazer, e para mostrar a sua distinção em termos econômicos, então parece plausível afirmar que a distinção de classes sociais através do capital cultural perde sua força. Voltaremos à Veblen no capítulo posterior.

A questão do capital cultural em Bourdieu é interessante porque nos conduz não somente a uma distinção de classes através do valor simbólico dos bens de consumo fornecido por um determinado grupo de indivíduos, que se unem por suas características semelhantes, mas também pelo fato que a estética das coisas do mundo está para além do simples fato do uso do bem, isto é, reflete na realidade social vivenciada pelo sujeito que a consome.⁷ Quando Bourdieu dá exemplos sobre as diversas reações entre diferentes representantes de classes sociais a respeito de uma fotografia ou um quadro⁸, parece ficar claro a relação de compreensão e fruição com o nível social dos espectadores. Tanto maior é a classe social do indivíduo, maior é a sua capacidade de compreensão do abstrato e explicação do assunto através de um vocabulário que não diz respeito diretamente com sua vida concreta. Quando é mostrada aos diferentes indivíduos a fotografia “a fábrica de Lacq, à noite”, cujo objeto é um

⁶ As idéias de Veblen sobre a ostentação aparecem em seu livro “Theorie de la classe de loisir”, de 1899. Cf. Jean-Marie Lafortune. *Les règles de l'ostentation: l'oeuvre-phare de Veblen: source et guide de la sociologie du loisir*. Disponível em: <http://interventionseconomiques.revues.org/537> Acesso em: 6 agost. 2015.

⁷ Cf. SCHOLZ. *Habitus de classe expressado pelo capital simbólico: uma revisao da obra de Pierre Bourdieu, A distincao*. Revista Ciencias Sociais Unisins, janeiro/abril 2009, p. 89.

⁸ BOURDIEU. *A distincão: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008, p. 45-46.

prédio industrial com luzes, a opinião dos espectadores da classe operária é a de que não compreendem o que a fotografia quer dizer. Eles não conseguem classificar, explicar e entender como poderia ser aquilo interessante enquanto trabalho artístico. Mesmo porque, o próprio objeto para os operários já é símbolo de algo extremamente ligado com suas duras realidades, portanto de difícil aproximação com algo que pudesse exprimir o belo artístico. Quando os espectadores sobem na escala social, eles conseguem fazer algum comentário do tipo, “é a luz captada ao vivo”, “ela é desumana, sem deixar de ser bela de um ponto de vista estético por seus contrastes”.⁹ A mesma coisa acontece com uma fotografia de mãos de uma idosa; “os mais desprovidos exprimem uma emoção mais ou menos convencional, ou uma cumplicidade ética e nunca um julgamento propriamente estético”, e na medida em que sobem na hierarquia social, os depoimentos tornam-se cada vez mais abstratos com alusões às referências à pintura, escultura ou literatura.¹⁰

Segundo Bourdieu, não tem nada mais rigoroso para distinguir as diferentes classes sociais do que “a disposição objetivamente exigida pelo consumo legítimo das obras legítimas, a aptidão para adotar um ponto de vista propriamente estético a respeito de objetos já constituídos esteticamente - e o que é ainda mais raro, a capacidade para constituir esteticamente objetos quaisquer ou, até mesmo, ‘vulgares’”.¹¹ Portanto, é a capacidade ou a incapacidade que os indivíduos possuem de dispor de um julgamento estético sobre aquilo que já é reconhecido como arte, mas também sua capacidade ou não de aplicar os princípios de uma estética pura “nas escolhas mais comuns da existência comum”¹², - como na escolha de uma comida ou de uma roupa - que lhes distinguem em classes.

Certamente Bourdieu coloca em valor o capital cultural na divisão das classes sociais. Contudo, apesar da ideia acima indicar que o capital cultural seria mais decisivo para o autor na divisão de classes, parece não ficar definitivamente claro se este tipo de capital realmente é mais contundente do que o capital econômico na separação dos indivíduos em classes dominantes e dominados no campo cultural, e ainda se, o capital cultural consegue se livrar completamente do capital econômico.

Para continuar discutindo sobre a influência do capital cultural e o capital econômico na aquisição de bens culturais é preciso, no entanto, melhor entender o que significa a noção de campo a fim de que possamos responder quais desses dois tipos de capitais influenciam

⁹ *Idem.*

¹⁰ BOURDIEU, *op. cit.*, 2008, p. 46.

¹¹ BOURDIEU, *op. cit.*, 2008, p. 42.

¹² *Idem.*

nos diferentes tipos de aquisição material ou simbólica da obra de arte, ou outro bem cultural, e qual deles parece ser mais importante na visão do autor.

2.1. A NOÇÃO DE HABITUS E CAMPO

A noção de campos e *habitus* em Bourdieu leva à uma diferente compreensão em relação ao ponto de vista das ciências econômicas tradicionais de como os indivíduos são levados a realizar suas práticas, fazer suas escolhas que se não são completamente racionais ao menos são razoáveis.¹³ O *habitus* de um agente social, no momento de sua tomada de decisão, possibilita que sua escolha não se dê através de um simples cálculo racional, mas leve em conta uma formação e um aprendizado no interior de uma sociedade. Segundo Wacquant, para Bourdieu está claro que:

O ator econômico não é o indivíduo egoísta e isolado da teoria neoclássica, uma máquina computadorizada que procura deliberadamente maximizar a utilidade na perseguição de objetivos claros; é antes um ser carnal, habitado pela necessidade histórica, que se relaciona com o mundo através de uma relação opaca de “cumplicidade ontológica” e que está necessariamente ligado aos outros através de uma “conivência implícita”, sustentada por categorias partilhadas de percepção e de apreciação e de um certo momento histórico.¹⁴

O conceito de *habitus* para Bourdieu propõe identificar a mediação entre indivíduo e sociedade, na medida em que o individual, o pessoal e o subjetivo são simultaneamente sociais e coletivamente orquestrados. O *habitus* é uma subjetividade socializada.¹⁵ É a noção de *habitus* que auxilia na apreensão de certa homogeneidade nas disposições, nos gostos e preferências de grupos ou de indivíduos que são frutos de uma mesma trajetória social.

A noção de *habitus* precisa ser relacionada à noção de campo. Existe uma relação dialética entre sujeito e sociedade, uma relação entre *habitus* individual e a estrutura de um campo, socialmente determinada. Para Bourdieu, a maior parte das ações dos agentes sociais é produto de um encontro entre *habitus* e um campo.¹⁶

¹³ Cf. BOURDIEU, 2008, p. 240

¹⁴ WACQUANT. *Notas para esclarecer a noção de habitus*. 2007, p. 8. Disponível em: www.cchla.ufpb.br/rbse/WacquantArt.pdf. Acesso em: 6 agost. 2015.

¹⁵ Cf. SETTON. *A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea*. In: Revista brasileira de educação, 2002, p. 63. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbedu/n20/n20a05. Acesso em: 6 agost. 2015.

¹⁶ *Idem*, p. 64.

Para Bourdieu, “o campo¹⁷ é um espaço social onde os atores estão em concorrência com outros atores pelo controle de bens raros e estes bens raros são justamente as diferentes formas de capital”.¹⁸ Apesar de Bourdieu utilizar-se de um linguajar proveniente da economia, isto não quer dizer que todas as vertentes do capital tratam-se de capital econômico. O capital é utilizado de uma maneira analógica porque as características do capital econômico são introduzidas na noção de capital dos outros campos sociais. Em todos os campos, os atores mais sucedidos são aqueles que investem seu tempo, seu conhecimento, ou seu trabalho para adquirir o capital que é a chave do poder no seio do campo. Como na economia onde a posse de um capital é o que atribui o poder aos seus detentores, o capital dos outros campos dá igualmente poder aqueles que o possuem. Quanto mais capital, mais poder no seio do campo. Assim, nem todas as formas de capital inseridas no interior de cada campo possuem uma conotação econômica. Diz Bourdieu:

Ao recorrer, por necessidade de objetivação, à termos tomados de empréstimo ao léxico da economia, não se pretende sugerir, de modo algum, que – em conformidade com o uso habitual, sem dúvida, avaliado erroneamente, destes conceitos – as condutas correspondentes sejam orientadas pelo cálculo racional, cujo objetivo consiste em obter o maior lucro possível.

¹⁹

A noção de capital implica a existência de estratégias por parte dos atores para aumentar seu capital e por consequência seu poder dentro do próprio campo. Esse aspecto é muito importante para a compreensão de certa conformação à própria dinâmica do campo por parte dos atores. Se o capital define a posição dos atores em um determinado campo e se é preciso investir para aumentar a rentabilidade de seu capital, a recusa de agir neste sentido terá como consequência a diminuição do capital e a desvalorização do ator que poderá ser excluído do campo. Os agentes são presos e se investem no jogo do próprio campo. Há um processo de compreensão e de incorporação daquilo que está em jogo no seio do campo que tem a capacidade de transformar mentalmente e corporalmente o ator. O ator faz parte do jogo, e isso se dá de maneira quase que inconsciente. No entanto, isto não quer dizer que o campo seja um espaço social imutável. Ao contrário, ele está em constante movimento até

¹⁷ Podemos citar como diferentes tipos de campo: o campo estatal, o campo jurídico, o campo econômico, o campo intelectual, o campo artístico, o campo literário, o campo das empresas etc.

¹⁸ BOURDIEU, *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008, p. 73.

¹⁹ BOURDIEU, *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008, p. 82-83.

porque as posições dos atores variam segundo o valor de sua moeda e sua habilidade em utilizar o poder dentro do campo.²⁰

Assim, o campo é um sistema dinâmico permeado por agentes e estruturas que sofrem mudanças²¹. Agentes que lutam para aumentar seu capital e continuar no jogo do campo no qual eles estão inseridos. Bourdieu parece não explicar as razões que levam os agentes a participar daquilo que está em jogo em cada campo, no entanto uma vez que o ator participa do jogo ele é levado a assumir as suas regras seriamente. Assim, por exemplo, os agentes do campo da nobreza procuram preservar e aumentar o reconhecimento e a honra da qual eles gozam, e os agentes do campo econômico o lucro em termos de capital econômico e os cientistas o reconhecimento em termos de publicação. São as estruturas do campo que ditam aquilo que os agentes procuram (Cf. BRAUN, 1999).²² Um outro exemplo muito trivial poderia ser dado com o campo acadêmico. O doutor e o professor que deseja permanecer neste campo e ser reconhecido como tal, sabem que devem continuamente realizar publicações. As regras do campo acadêmico, no Brasil, a nível universitário, estão diretamente ligadas à produção acadêmica. O professor que não faz o esforço para jogar este jogo e toma a decisão de se afastar dele sabe que o seu reconhecimento institucional será seriamente prejudicado.

A noção de campo e investimento por parte dos atores em um determinado campo pode efetivamente implicar que o capital cultural exige da parte dos atores interessados nele um esforço para permanecer no campo dos bens culturais, que vai além da disposição financeira. É preciso um investimento pessoal no aumento de bens culturais que está diretamente ligado ao tempo dispensado ao cultivo das artes, nas viagens, da ida ao cinema, na leitura de livros, no aprimoramento dos gostos culinários, na prática de um esporte etc.

Por último, é importante salientar que um determinado campo como um sistema dinâmico depende de outros campos. É impossível separar, por exemplo, o campo econômico, mas também o campo cultural de outros campos que formam a sociedade. Os campos seguem um ao lado do outro equilibrando o todo, como um móbil de Calder. Si não existe uma

²⁰ *Idem*, p. 74.

²¹ Por isso, a noção de campo econômico em Bourdieu rompe radicalmente com as teorias neoclássicas onde o campo seria algo estático na medida em que permeia apenas o mecanismo de oferta e procura. A teoria neoclássica faz uma atualização dos fenômenos econômicos com dados antropológicos, enquanto Bourdieu insiste em uma teoria econômica que está preocupada com a sociedade. Neste sentido, as mudanças e as estruturas que ocorrem na sociedade são dados a ser interpretados para entender ou construir a economia.

²² Cf. BRAUN, Dietmar. *Cour sur les concepts de base de Pierre Bourdieu*, 1999. Disponível em: www.libertaire.free.fr/BourdieuConcepts.html Acesso em: 1 julh. 2015.

homologia entre os campos, como poderia Bourdieu usar esse termo único para descrever os universos sociais distintos? Cada campo, não é uma ilha independente do arquipélago, mas antes combina as formas de capitais e de instituições que não lhe são próprias.²³

2.2. A NOÇÃO DE CAPITAL CULTURAL

Para Bourdieu, a transmissão do capital cultural se dá através da família e do capital escolar. Esses dois capitais estão ligados estreitamente na medida em que as formas de apropriação da cultura fornecidas pelo sistema escolar são enriquecidas e fortalecidas pelo ambiente familiar. É a família que amplia o leque de possibilidades iniciados na escola, seja através do seu próprio capital cultural angariado através do tempo, seja através do seu investimento na aquisição de novos conhecimentos culturais. No entanto, embora o berço familiar seja extremamente importante no desenvolvimento do conhecimento e do gosto estético, Bourdieu deixa claro que o capital cultural desprovido de certificação escolar não possui o mesmo valor que aquele adquirido na academia. É o diploma escolar que legitima o conhecimento cultural.²⁴

A ideia de Bourdieu é que o conhecimento adquirido na escola deve fornecer um tipo de cultura geral que será mais ou menos importante segundo o prestígio do diploma. Essa aquisição de cultura geral não é absolutamente garantida, mas antes simbólica. Os próprios estudantes frequentando certos estabelecimentos escolares se veem obrigados a se esforçarem para adquirir certo tipo de cultura geral. Também a sociedade faz esse tipo de exigência. É esperado de um jovem que frequentou as grandes escolas na França (como por exemplo, HEC ou ENA) que ele tenha um capital cultural mais elevado que alguém que frequentou uma universidade pública.²⁵

Embora Bourdieu veja o sistema escolar francês como um modo de aquisição do gosto, nem todos os tipos de conhecimento artístico podem ser adquiridos na escola. Assim, a música segundo Bourdieu é arte que “distingue”, a mais “pura” e “espiritual” de todas as

²³ Cf. TEXIER, Thibault. *Les conceptualisation du pouvoir de Bourdieu et quelques-unes de leurs applications au management*. Septembre 2012, p. 4. Disponível em : www.letexier.org/article.php3?id_article=120 . Acesso em: 1 julh. 2015. p. 4).

²⁴ Cf. BOURDIEU, *op. cit.*, 2008, p. 27-28

²⁵ Cf. BOURDIEU, *op. cit.*, 2008, p. 29.

artes, e por se tratar de um tipo de arte não figurativa e ligada à interioridade mais profunda, depende unicamente da tradição familiar.²⁶

Igualmente, a imersão em um banho cultural familiar explica a oposição entre dois modos de apropriação da obra de arte: a dos estetas e a dos professores. O primeiro recusa toda racionalização da obra de arte e todo discurso conceitual. Esta oposição entre irracionalistas e racionalistas segundo Bourdieu explica os dois modos de aquisição do gosto. A aquisição através do sistema escolar passa apenas através de uma racionalidade mínima e imperfeita, enquanto a da tradição familiar é a “insubstituível ação do tempo”, a lenta maturação que tem a primazia do envelhecimento. A maneira de gozar e apreciar a obra de arte é, portanto diferente no seio daqueles que possuem acesso às obras de arte e ao mundo que as cultua.²⁷ Para Bourdieu, a herança familiar leva a aquisição de certo tipo de gosto que não pode ser comprado com o capital econômico. Existe um certo conhecimento e disposição de espírito para a arte e a cultura adquirido através de certa familiaridade e convivência que se dá ao longo dos anos, quer seja através da educação familiar, quer seja através da frequência de pessoas desse mesmo mundo. O gosto adquirido na família “não passa de uma relação de familiaridade imediata com as coisas de gosto, e o sentimento de fazer parte de um mundo mais polido”.²⁸ O estilo mobiliário ou vestimentar acrescenta Bourdieu, não se realiza apenas através do fator econômico e até mesmo cultural²⁹, mas através das relações sociais objetivadas nos objetos familiares, em seu luxo ou pobreza, requinte ou vulgaridade.³⁰

Outro elemento de extrema importância no desenvolvimento do capital cultural, segundo Bourdieu, é a questão do tempo. A acumulação do capital cultural exige uma incorporação, isto é, um trabalho e investimento realizado pelo indivíduo sobre si mesmo, que busca angariar conhecimentos, aperfeiçoar suas aptidões, gostos e interesses. Esse ato de formação de si mesmo e aperfeiçoamento exige e custa tempo. É o tempo que deve ser investido pessoalmente pelo investidor que está em jogo na produção do capital cultural. Ninguém pode substituir o próprio indivíduo no processo de cultivo. Assim, para Bourdieu

²⁶ Cf. BOURDIEU, *op. cit.*, 2008, p. 77.

²⁷ Cf. BOURDIEU, *op. cit.*, 2008, p. 65-67.

²⁸ Cf. BOURDIEU, *op. cit.*, 2008, p. 75.

²⁹ Aqui entendemos como apenas o capital adquirido na escola.

³⁰ *Idem*

o capital cultural é um capital pessoal que é transmitido, certo, pela escola e pela família, mas que depende unicamente do próprio indivíduo para a sua incorporação.³¹

Para Bourdieu, é através do tempo necessário no investimento e produção do capital cultural que se evidencia uma ligação entre este e o capital econômico. É verdade que a família e a escola transmitem o capital cultural, mas para que o indivíduo possa cada vez mais aumentar e reproduzir os conhecimentos adquiridos no seio destas instituições é necessário uma disponibilidade do tempo. E o tempo depende das condições econômicas da família. Quanto mais cedo a família investe na transmissão e acumulação do capital cultural mais o agente tem condições de se investir pessoalmente.³²

2.3. O GOSTO PURO: A REJEIÇÃO AO ÚTIL COMO SINAL DE UMA CLASSE DOMINANTE.

A primeira ideia na relação entre o gosto e a rejeição ao útil diz respeito ao elemento do capital econômico, ou o distanciamento “às restrições da necessidade econômica”.³³ Quanto mais dinheiro, mais poder de consumo daquilo que pode ser compreendido como a negação de um bem de primeira necessidade, e neste caso, um bem cultural; desde uma viagem até a compra de uma obra de arte. Mas, Bourdieu fala também em um segundo elemento, que está mais ligado “a uma posição privilegiada no espaço social”.³⁴ Aqui entra aquele tipo de capital cultural que depende tanto da escolarização como da tradição familiar.

O senso estético é um sinal de distinção, portanto, de poder dentro do campo cultural. “Os gostos (ou seja, as preferências manifestadas) são a afirmação prática de uma diferença”.³⁵ A justificação de um gosto sempre se dá pela recusa aos gostos opostos. “A intolerância estética exerce violências terríveis”³⁶ e em nome da distinção não aceita a reunião dos gostos. Esta luta pela imposição de seu gosto e a recusa de outros vem afirmar a posição ocupada no espaço social. Os apreciadores de ópera ou música clássica não poderão admitir a música popular como uma arte do mesmo nível. Assim como um chefe de cozinha francês não irá jamais aceitar que um cliente deseje um prato tipicamente francês, mas que não siga as regras

³¹ Cf. BOURDIEU, Pierre. *Les trois états du capital culturel*. Actes de la recherche en sciences sociales. 1979. Volume 30. pp. 3-6. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1979_num_30_1_2654#. Acesso em: 6 agost. 2015.

³² *Idem*.

³³ Cf. BOURDIEU, *op. cit.*, 2008, p. 56.

³⁴ *Idem*

³⁵ *Idem*

³⁶ *Idem*

do “savoir faire” francês. Não peça um “magret de canard” bem passado, por nenhum dinheiro do mundo, em um restaurante tipicamente francês, pois você será escorraçado. Há, portanto, na formação de um gosto a recusa em admitir outra possibilidade. Como se a própria recusa fosse a mais pura afirmação do que seria realmente o bom, o melhor.

Segundo Bourdieu, nem todos podem entrar neste jogo de recusas e afirmações de seus gostos, pois as opções estéticas são reservadas aos membros da classe dominante, a mais elevada burguesia e aos artistas. As classes populares ficam renegadas apenas a posição de negação, isto é, tudo aquilo que comporá o seu universo de gosto será negado pela classe dominante; como por exemplo, a foto de um gato, ou de um barco, ou o por do sol, enfim, a estética dos calendários como define o autor.³⁷ A estética popular parece está baseada “na afirmação da arte e da vida, que implica a subordinação da forma à função”.³⁸ O público popular se apega aos enredos que representam suas próprias vidas ou a vidas que eles desejariam ter, com finais felizes. As pinturas devem ser figurativas e não simbólicas, que seriam de difícil compreensão. O público popular ausente de capital cultural não consegue apreciar, e tampouco entender as representações mais abstratas. Neste sentido, mesmo o homem mais rico que permanece cultivando os gostos pela estética popular não faria parte desta classe distinta.

A compreensão e o gozo no contato com a obra de arte é, portanto uma marca de distinção da classe dominante. Por este motivo, a partir do século XVIII evidencia-se uma luta pelo poder deste tipo de capital.³⁹ A luta pelo domínio do saber na arte se deu pelo afastamento da arte mais figurativa em direção à arte cada vez mais abstrata. No abrochar da arte de *avant-garde* surge uma nova classe cujo saber cultural enquanto capital dominante substitui o simples interesse do capital econômico. A insatisfação dos artistas à relativa dependência da arte ao capital econômico, proveniente da burguesia neste período, faz surgir

³⁷ Cf. BOURDIEU, *op. cit.*, 2008, p. 57.

³⁸ Cf. BOURDIEU, *op. cit.*, 2008, p. 35.

³⁹ Segundo Mark Taylor, a era do mercado da arte começou no século XVIII. O mercado da arte nasce com as mudanças na economia de mercado que criaram tanto os novos consumidores quanto os novos produtores de arte. A burguesia em ascensão passa a adquirir obras de arte como um sinal de distinção da classe trabalhadora. No mesmo momento em que o mercado da arte emerge ocorre uma ruptura dos artistas com uma categoria de consumidor da obra de arte que a financiava; isto é, a igreja e a aristocracia. Com esta ruptura, os artistas tiveram que se adaptar ao um novo tipo de consumidor, a burguesia. No entanto, o gosto desta nova classe já não era o mesmo. Eles preferiam a arte decorativa, realista e representativa. Os artistas submetendo-se a este novo contexto substituíram seu trabalho espontâneo por um trabalho seguindo instruções e encomendas. Para muitos artistas este tipo de arte era completamente utilitária e seguia os ditames de uma ordem econômica. Cf. TAYLOR, *Confidence Games: Money and markets in a world without redemption*. London: The University Chicago Press, 2004, p. 95.

um novo tipo de arte que é doravante compreendida e consumida por uma classe bem mais intelectualizada e culta.

3. A TEORIA DA CLASSE DO LAZER DE VEBLEN

Segundo Veblen, os gastos ostentatórios são uma fonte que o ator manipula com o objetivo de mostrar sua posição e o seu pertencimento à uma classe de lazer e prazer a qual se apoia essencialmente sobre a detenção de um capital econômico. Em Veblen, o que separa os indivíduos em classes sociais distintas é a sua capacidade de consumo e a sua disponibilidade de tempo consagrada ao mundo do lazer e do ócio, isto é, em atividades improdutivas e não úteis. O autor se interessa pelo estudo e observação de uma classe denominada “classe de lazer” a qual, mais que todas as outras, encontra no dinheiro a marca do sucesso e do mérito. Esta mesma classe cria engenhosamente maneiras diversas para simbolizar a sua riqueza através da valorização do lazer e do ócio elaborando necessidades inúteis a fim de serem consumidas com o intuito de mostrar a posse do dinheiro e a sua superioridade sobre os outros homens; isto é, sobre aqueles que vivem submetidos ao trabalho como forma de subsistência das necessidades básicas.⁴⁰

A análise de Veblen sobre a classe do lazer percorre desde as épocas bárbaras até a sociedade de seu tempo. Para o autor, os homens desde sempre se comparam uns aos outros e procuram o sucesso visível como um objetivo em si e como a base para a estima social. Através da visibilidade de sua empreitada, o homem ganha prestígio, honra e estima.⁴¹

3.1. O LAZER OSTENTATÓRIO

Veblen não nos fornece datas para as suas afirmações sobre a evolução da sociedade e sua divisão de classes, especialmente a caracterização dos tipos diferentes da classe de lazer. Seu relato histórico não é acompanhado de dados cientificamente bibliográficos, ele não explica e não põe um marco no que seria a sociedade primitiva ou bárbara, no entanto, isso não diminui em nada a riqueza de sua prosa, ao contrário, por vezes, podem-se perceber traços do que ele chama sociedade primitiva, ainda nos dias de hoje. Por isso, o que nos

⁴⁰ Cf. ARON. *Avez-vous lu Veblen?* In *Theorie de la classe de loisir*. Prefácio. P. XXVIII. Paris: Gallimard, 1970.

⁴¹ Cf. VEBLEN. *Theorie de la classe de loisir*. Paris: Gallimard, 1970, p. 13.

interessa em seu texto é a atualidade de seu discurso e é isto que tentaremos trazer a baila ao presente artigo.

Para Veblen, no decorrer da evolução cultural, a emergência de uma classe dita ociosa coincide com o início da propriedade privada. A propriedade é sinal de riqueza e por consequência de honra daquele que a detém. Além disto, quanto mais a propriedade é o resultado de uma transmissão hereditária e não o resultado de um esforço laboral, mais ela confere a honra ao seu proprietário.⁴² Ser o possuidor de alguma coisa se torna necessário para o gozo de uma reputação, ao mesmo tempo em que é indispensável para acumular, adquirir e manter seu renome. Mais tarde e a partir do momento em que os bens acumulados se tornaram o sinal distintivo do valor, a posse de riquezas se torna o fundamento independente e definitivo da estima, doravante importando pouco se essas são adquiridas através de um esforço laboral ou transmitidas a um herdeiro passivo.⁴³

No entanto, para atirar e conservar a estima dos homens não é somente necessário possuir a riqueza ou o poder, é preciso ainda torná-las visíveis, pois é a visibilidade desta que atrai a estima. Colocando a riqueza em evidência, não somente faz-se sentir sua importância aos outros, como se preserva o amor próprio. É a ostentação de sua riqueza que atrai toda estima e toda honra.

Veblen procura em seu livro fornecer, no decorrer da evolução das sociedades, quais são as formas de distinção da classe do lazer e as suas empreitadas para se tornar visível e atrair estima. Duas são as maneiras de distinção da classe de lazer: o consumo e o lazer. Corolário ao lazer fica claro em seu texto que em todas as sociedades, o trabalho aparece como forma de distinção social, seja a sua ausência completa, seja a escolha do seu tipo. Para Veblen uma classe de lazer é tanto mais poderosa quanto mais ela se distancia das funções necessárias à existência da vida cotidiana. Diz ele, “rara são as pessoas da boa sociedade para quem as formas vulgares do trabalho não inspiram uma repugnância instintiva”.⁴⁴ Quando se tem o gosto delicado não se pode deixar que as funções ordinárias exigidas aos domésticos venham contaminar esta disposição. Desde os Gregos duas coisas são absolutamente necessárias aos homens para que sua vida seja digna, bela e irreprochável: dispor de um certo lazer, e não ter nenhum contato com as operações industriais que servem aos usos imediatos da vida cotidiana.⁴⁵

⁴² Cf. VEBLEN. *Theorie de la classe de loisir*. Paris: Gallimard, 1970, p. 22.

⁴³ *Idem*, p. 21.

⁴⁴ *Idem*, p. 27.

⁴⁵ *Idem*, p.28.

Para Veblen, desde o estágio que ele caracteriza como predatório, existe uma distinção entre a classe dos trabalhadores e a classe do lazer, muito embora esta última, apesar de permanecer afastada de qualquer trabalho servil contribua com sua atividade à subsistência do grupo. Nos diversos estágios da sociedade, o traço característico da classe de lazer é uma vida ostensivamente livre de toda ocupação útil. O termo lazer empregado por Veblen não quer dizer preguiça ou repouso. Ele exprime o consumo improdutivo do tempo que significam duas coisas: primeiramente, ele advém de um sentimento pela parte do ator em relação à indignidade do trabalho produtivo; e em segundo lugar, testemunha da possibilidade pecuniária em se dar uma vida de ociosidade. Isso não significa que o homem permanece sem trabalhar o tempo inteiro. O que importa é a maneira como o homem torna evidente o seu tempo de lazer. O tempo do trabalho é algo que não precisa ser mostrado. O que traz a estima e a distinção do homem de lazer é a sua detenção às coisas inúteis da vida e o seu tempo dispensado a elas. O lazer toma forma através dos bens imateriais ou materiais. Tais bens dizem respeito à arte, a erudição, as línguas mortas, as ciências ocultas, a música, a decoração, a vestimenta e todas as formas que não contribuem diretamente ao progresso da vida humana. Todos esses exemplos de bens tem uma conotação ostentatória na medida em que eles demonstram que o seu detentor não desperdiçou seu tempo em uma atividade industrial.⁴⁶

Dizendo desta forma, parece que Veblen se aproxima da categoria do capital cultural de Bourdieu. Mas, pressentindo Bourdieu, Veblen acrescenta que apesar das “boas maneiras fazer o homem”, esse sentimento de retidão ligado às boas maneiras e à boa educação não é em si a causa principal para a sua importância, senão a ordem econômica ligada a esta. A delicadeza do gosto, das maneiras e os bons usos e costumes da vida tem por utilidade colocar em evidência uma posição econômica no mundo, que é apenas acessível àqueles que podem dispender seu tempo na aplicação dessas atividades, ao passo que as pessoas cujo tempo é dispensado ao trabalho útil não possuem nem energia nem sobra de tempo para tal. Assim, na medida em que é o lazer o que faz a reputação pecuniária, todos aqueles que a aspiram devem possuir alguma competência em matéria de decoro. Ora esse saber do decoro é algo capaz de se apreender com grande esforço e gasto de tempo, mas algo também que pode ter sido herdado através de várias gerações. É uma maneira pausada de ser, um allure tranquilo que decorre da ausência de trabalho. Veblen se aproxima de Bourdieu quando ele insiste em dizer que uma vida de lazer propagada através de várias gerações deixa traços persistentes e visíveis na formação da pessoa, e ainda mais na sua maneira e na sua postura de todos os dias.

⁴⁶ Cf. VEBLEN. *Theorie de la classe de loisir*. Paris: Gallimard, 1970, p. 32-33.

Quanto mais dispensamos nosso tempo na prática de atividades sem intensão lucrativa nem utilidade direta, melhor sabemos provar que o habito é antigo; quanto mais estamos dispostos a desperdiçar nosso tempo, maior será a aquisição da reputação. Neste sentido, a classe de lazer é aquela que consegue através de sua atividade de decoro mostrar que o mais precioso de seu tempo não é empregado no trabalho e na elaboração de coisas úteis, mas antes na ostentação de um certo tipo de vida.⁴⁷

3.2. O CONSUMO OSTENTATÓRIO

Já no estágio da sociedade pré-industrial, as classes se dividem entre aqueles que devem consumir apenas aquilo que lhes é necessário para a sua subsistência, e aqueles que possuem acesso ao luxo e ao conforto. Certos alimentos e bebidas são igualmente reservados apenas a classe superior. Se esses artigos são caros eles serão por consequência, nobres, e apenas usufruídos pela classe superior. O consumo de artigos de boa qualidade é um dever de todo homem bem nascido.

Uma certa maneira de viver na exuberância do tipo aristocrático leva ao exercício e o respeito às normas do lazer e do consumo ostentatório, que porem é cambiante nos diferentes estágios da sociedade. No entanto, colocar em evidência seu consumo de artigos de valor é um método de honorabilidade para o homem de lazer que se perdura nos diferentes estágios da sociedade. Se o bem de consumo muda, a disposição para lhe evidenciar permanece imutável. À medida que a riqueza se acumula, as maneiras de ostentação modificam. As grandes festas e os diferentes divertimentos tomam lugar na arena ostentatória. As festas caras não são dadas apenas pelo prazer da festividade, mas principalmente servem como um meio de se mostrar.⁴⁸ Quanto maior é o capital pecuniário do indivíduo e sua disposição ostentatória, mais a sua festa será conforme as regras de ostentação da época. O mesmo ocorre com o tipo de vestimenta, com os esportes praticados, as viagens realizadas e os objetos de grande valor. Na nossa sociedade atual, o símbolo de poder não é aquisição de um carro de família que possa levar todos os seus membros aos seus diversos destinos, como acontecia no século XVII e XVIII com as carruagens próprias. Hoje o símbolo de distinção é o carro esportivo, com uma máquina e uma engenharia cara - com certeza, inacessível à maioria das pessoas - e, sobretudo que não tenha nenhuma função útil. Só esse tipo de consumo pode

⁴⁷ *Idem*, p. 33-36.

⁴⁸ *Idem*, p. 51.

evidenciar que o seu consumidor tem o poder pecuniário para adquirir um bem que vai além das suas necessidades.

O consumo como meio de atrair a estima é um método excelente utilizado na parte da sociedade onde o indivíduo entretém o mais amplo contato humano, e onde a população é a mais móvel. O que significa dizer que o interesse no consumo como forma de ostentação da classe de lazer ocorre mais facilmente na zona urbana do que na zona rural. O indivíduo da zona rural possui pouco interesse nos objetos de consumo que não estão ligados diretamente com suas necessidades diárias preeminentes. O que é compreensível, na medida em que sua relação com o mundo fora da casa é absolutamente limitado e ocorre apenas nos momentos de festas comunitárias. Mas, a cidade provoca um apelo ao consumo, exatamente pela necessidade que seu morador possui em se distinguir dos outros. É preciso gastar mais do que os outros para se colocar em um nível de decência pecuniária. E a tendência a rivalizar, a se comparar ao outro para após lhe rebaixar possui uma origem imemorable. Os objetos de consumo se modificam e se aperfeiçoam nas diferentes épocas, mas, permanece um meio cada vez maior de distinção social. O nível de gastos considerado como normal na classe da qual faz parte um indivíduo é o que determina em grande parte o seu nível de vida pessoal. Essa norma se impõe a ele imediatamente, e é a ele de julgar o modo de vida no qual quer se inserir. Normalmente é mais agradável para o indivíduo seguir o nível de vida do grupo do qual ele faz parte; poucos são aqueles que se rebelam. Interessantemente, Veblen nota que em todas as classes o nível de vida é mais alto do que permite o poder de compra dos indivíduos. Como resultado disso, as atividades verdadeiramente importantes dos homens possuem um único objetivo, a saber, a aquisição da maior quantidade possível de riqueza, por consequência, todo o trabalho que não lhes fornece é o mais facilmente descartado ou depreciado.⁴⁹

3.2.1 AS LEIS DOS GASTOS OSTENTATÓRIOS

A lei dos gastos ou desperdícios ostentatórios influencia o modelo do gosto, e está ligada apenas ao domínio estético e jamais ao domínio da utilidade. Produz-se e consome-se mercadoria, primeiramente, para o florescimento e desenvolvimento harmonioso da vida humana. Mas, a tendência entre os homens em se rivalizarem entre si através do consumo de bens trás um segundo objetivo ao consumo, qual seja a prova da capacidade de pagamento.

⁴⁹ *Idem*, p. 75.

Esse segundo objetivo como utilidade indireta do consumo imprime sua característica honorífica ao consumo e as próprias mercadorias. Não somente o ato de consumir é o símbolo de uma capacidade pecuniária, mas igualmente a escolha da mercadoria. O consumo de mercadoria possui um mérito em si, tanto mais ela possui um alto valor. Além disso, o seu valor honorífico está ligado diretamente ao elemento de apreciação do custo, o qual é superior ao valor que seria suficiente para tornar tal mercadoria boa e útil ao objetivo ao qual ela se destina. As marcas de supérfluo e sumptuosidade são a prova do mérito e da alta capacidade para o fim indireto que o consumo se propõe. Inversamente, as mercadorias sem valor honorífico e, portanto, sem valor atrativo são aquelas que em si mesmo não possuem uma margem de grande desperdício pecuniário. Seu valor é o resultado do objetivo útil ao qual ela se propõe.⁵⁰

O que é interessante nestes dois modos de consumo descritos por Veblen é a sua intensão em mostrar a divisão da sociedade em classes, através do consumo. Muito cedo, o homem descobriu que viver sem gastar muito dinheiro é o sinal de uma derrota pecuniária ao indivíduo. Por isso, o consumo de bens baratos não trás nenhuma honra e estima ao homem na sociedade. É preciso que ele prove através dos seus gastos o seu sucesso na vida. Para tanto, várias mercadorias são criadas por estes mesmos homens, nas mais variadas épocas até os dias de hoje, as quais procuram provar o valor do homem e o seu sucesso. A frase célebre que corrobora este pensamento é aquela que diz: “o casaco não é caro, o homem também não o é”.⁵¹

Portanto, o homem se acostumou a procurar as marcas de superfluidade impregnadas nas mercadorias. Quanto mais uma mercadoria é impregnada de elementos supérfluos que lhe encarece, mais ela se prestará ao fim almejado pelos homens, isto é, a ostentação de sua capacidade pecuniária, que por consequência lhe trará estima e honra. Como consequência desta procura infatigável, os produtores de mercadoria focam seus esforços na criação de artigos que denotam o mesmo valor desejado pelo consumidor. Quantas vezes não nos perguntamos por que denominada mercadoria possui um valor tão alto se o seu objetivo é tão irrisório. Veblen deixa claro que o desejo de agregar um valor honorífico às mercadorias tanto advém do consumidor quanto do próprio produtor. Um consumidor, nos dias de hoje, que desejasse tal como Diógenes, eliminar do consumo todos os elementos de honorabilidade ou

⁵⁰ *Idem*, p. 100-102.

⁵¹ *Idem*, p.103.

de desperdício, seria incapaz de fornecer às suas necessidades qualquer coisa que não contivesse estes elementos.⁵²

A vestimenta é para Veblen um dos artigos que mais denota a posição pecuniária dos homens nas diferentes épocas. Em todas as classes da sociedade, os homens gastam seus dinheiros no consumo de roupas, não com o intuito de se cobrir e de se proteger, mas antes e, sobretudo com o intuito de se mostrar. Os gastos são despendidos não em função da utilidade de uma roupa, mas pela sua capacidade intrínseca em mostrar o valor de seu portador. Na maioria dos casos, os homens utilizam roupas ostensivamente caras pela necessidade de se conformar notavelmente aos usos estabelecidos e ao modelo do gosto em voga. Os homens possuem sem dúvida uma preocupação com os comentários alheios sobre seu porte vestimentar, mas igualmente e principalmente lhes é importante seguir uma exigência sobre o valor monetário da mercadoria. Toda vestimenta que não custou caro torna-se sem interesse e mesmo vulgar aos olhos dos homens de valor. Os homens sentem que o barato não possui nenhum valor.

O uso de roupas caras e seus acessórios simboliza a capacidade de pagamento de seu usuário. Tais mercadorias dão uma excelente prova do sucesso pecuniário de um indivíduo e por consequência favorece sua estima social. Mas, Veblen vai além destas considerações. Segundo ele, a prova ainda maior da dignidade de todo homem consiste em mostrar que sua capacidade de consumo de todos estes bens não está intrinsecamente ligada ao resultado de seu trabalho. Em outras palavras, digno é o homem que não precisa trabalhar para manter o seu elevado nível de consumo. Enquanto o consumo de mercadorias caras é a regra que rege o princípio do consumo ostentatório, esta última regra do desperdício é aquela que fundamenta o princípio do lazer ostentatório.⁵³

4. CONCLUSÃO

O presente artigo tenta apresentar a sociologia de Bourdieu naquele âmbito em que o sociólogo estuda a heterogeneidade das classes sociais através da relação da natureza dos capitais adquiridos, isto é, o capital econômico versus o capital cultural. Para Bourdieu, a classe dominante é esquematicamente atravessada pela oposição entre, por um lado, uma fração economicamente dominada e culturalmente dominante, como os professores, os pesquisadores, os artistas, os jornalistas, etc, e por outro lado, uma fração economicamente

⁵² *Idem*, p.103.

⁵³ *Idem*, p.112.

dominante, como os chefes de empresas, os comerciantes, os profissionais liberais etc, mas culturalmente dominada. Cindindo o capital em cultural e econômico, Bourdieu consegue apreender uma categoria de indivíduos que fazem parte do polo dominante sem que o capital econômico seja decisivo e importante para a sua configuração. O consumo simbólico, isto é, a apreciação de uma obra de arte, de uma música clássica, de uma ópera, o prazer na degustação de um prato ou de um bom vinho, o requinte e o cuidado vestimentar parecem depender muito mais do capital cultural do que propriamente do capital econômico. Ainda que o capital econômico possibilite a compra de roupas ou de mobílias caras, por exemplo, a questão do gosto não tem nada a ver com o dinheiro, mas antes com uma disposição adquirida ao longo de uma convivência familiar e mundana apropriada. O conhecimento cultural recebido através da frequência ao mundo acadêmico, e multiplicado no seio da família e através de uma disponibilidade de tempo para o investimento cultural pessoal é o que possibilita o aumento do capital cultural. As escolhas baseadas nos princípios de uma pura estética dependem principalmente do capital cultural, tal como Bourdieu descreve no decorrer da obra “A distinção”.

A sociologia de Veblen parte da ideia que a sociedade é desde sempre o palco do teatro de conflitos e dominação, no interior da qual os indivíduos são movidos pelos seus instintos e pulsões irracionais. Um desses instintos e provavelmente o mais importante para a teoria do autor é o instinto predador o qual leva os indivíduos a apropriação de um superávit econômico, à rivalidade pecuniária que se traduz através do consumo, dos lazeres e do desperdício ostentatório. Quanto mais o indivíduo sobe na classe social, menos ele consome para satisfazer suas necessidades, e mais para manifestar a sua superioridade, seu poder e sua riqueza.

Em ambos os autores, o poder econômico é antes de tudo o poder de colocar a necessidade econômica a distância, como bem sublinhou Bourdieu⁵⁴. Entretanto, enquanto no modelo de Bourdieu, o indivíduo é socialmente classificado pela orientação de suas práticas que manifestam as características de seus “habitus”, e assim, de seu status social, mas não é ele propriamente o autor dessa manifestação, em Veblen, ao contrário, o autor é absolutamente consciente de seu ato e o próprio motor da sua ação consumista ostentatória. Dito de outra maneira, se o ator de Veblen é plenamente consciente e o movente de seu ato ostentatório, o de Bourdieu é levado por uma necessidade já impregnada na sua posição

⁵⁴ Cf. BOURDIEU. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008, p. 55.

social. Ou ainda, a escolha por um determinado bem de consumo do indivíduo de Veblen é o que lhe posiciona em uma determinada classe social, enquanto o indivíduo de Bourdieu é justamente influenciado e guiado para a aquisição de um determinado produto segundo a sua posição em uma classe social. Em Bourdieu, a classe de lazer de Veblen seria inacessível àqueles que possuem apenas o dinheiro (aos filisteus), na medida em que a falta de transmissão do capital cultural cria, desde a infância, lacunas pessoais absolutamente difíceis de serem compensadas, posto serem invisíveis; o que fornece aos grupos sociais fronteiras simbólicas muito mais herméticas.

Tanto para Bourdieu como para Veblen, o consumo de um objeto recebe o valor social pelo uso social realizado pelo seu detentor, assim o consumo de um bem de luxo recebe um valor que vai além da sua finalidade objetiva. Desta maneira, ambos podem explicar o valor fetiche angariado nas mercadorias que é definido tanto pelo consumidor quanto pelo próprio produtor que se esforçará de diversas formas para tornar o seu produto um bem de valor superior. A presença de um valor material e imaterial inserido na mercadoria que perpassa o seu objetivo utilitário é o que ambos os autores consideram importante para atrair a classe superior de consumidores. No entanto, o que parece diferenciar Bourdieu de Veblen é a ênfase que este primeiro concede a categoria do capital cultural, como sendo indispensável para que um determinado produto possa ser objeto de desejo, mesmo inconsciente, de um indivíduo. É o seu capital cultural que permite a um indivíduo um certo interesse e fruição por determinados bens que o distingue de um outro indivíduo que tendo o mesmo poder aquisitivo para tanto, ainda assim não consegue a mesma fruição e por consequência o mesmo interesse. Enquanto que para Veblen, parece que o capital cultural não possui importância nenhuma na determinação do consumo. Embora o autor esteja consciente que existe uma diferença entre uma classe intelectual, apreciadora da arte em suas diversas vertentes e uma classe rica mais “ignorante”, essa diferença não tem nenhuma importância no resultado das ações dos indivíduos, pois ambas as classes desejam no final das contas apenas exercer o seu poder econômico através do consumo e do lazer ostentatório a fim de atrair estima e sucesso perante os outros.

Sob a luz destes dois autores - um que fundamenta sua teoria através de uma sociologia voltada à sociedade francesa, e outro que analisa a sociedade americana – podemos indagar qual destas duas sociologias melhor nos explica a atitude dos consumistas de nossas sociedades contemporâneas. Possuímos ainda uma elite abastecida de capital cultural que o guia nas suas decisões enquanto consumidor, ou o movente para o consumo é apenas a

detenção do poder econômico que tem como fim a honra, a estima e a superioridade? A meu ver ambos os autores contribuem para a compreensão de nossas sociedades contemporâneas. Mesmo se é possível afirmar que as sociedades ocidentais capitalistas, incluindo a atual sociedade francesa, possuem menos da sociedade francesa do século XX de Bourdieu, seria exagerado dizer que todas as classes de consumidores possuem como movente apenas o desejo de se distinguir de seu vizinho.

5. REFERÊNCIAS:

ARON, Raymond. *Avez-vous lu Veblen?* Prefácio In: *Théorie de la classe de loisir*. Paris: Gallimard, 1970, pp.VII-XLI.

BOURDIEU, Pierre. *Les trois états du capital culturel*. Actes de la recherche en sciences sociales. 1979. Volume 30. pp. 3-6. Disponível em http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1979_num_30_1_2654#. Acesso em fevereiro de 2014.

_____. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.

BRAUN, Dietmar. *Cour sur les concepts de base de Pierre Bourdieu*, 1999. Disponível em: www.llibertaire.free.fr/BourdieuConcepts.html Acesso em: 1 julh. 2015.

COULANGEON, Philippe. *Classes sociales, pratiques culturelles et styles de vie: Le modèle de la distinction est-il (vraiment) obsolète?* Revista Sociologie et société, volume 36, n. 1, 2004, p. 59-85. Disponível em: www.erudit.org. Acesso em: 6 jul. 2015.

LAFORTUNE, Jean-Marie. *Les règles de l'ostentation: l'oeuvre-phare de Veblen: source et guide de la sociologie du loisir*. Disponível em: <http://interventionseconomiques.revues.org/537> Acesso em: 6 agost. 2015.

LE TEXIER, Thibault. *Les conceptualisation du pouvoir de Bourdieu et quelques-unes de leurs applications au management*. Septembre 2012. www.letexier.org/article.php3?id_article=120. Acesso em: 1 julh. 2015.

WACQUANT, Loïc. *Notas para esclarecer a noção de habitus*. www.cchla.ufpb.br. Acesso em: 1 jul. de 2015.

SETTON, Maria das Graça Jacintho. *A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea*. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em: 1 julh. 2015.

SCHOLZ, Robinson Henrique. *Habitus de classe expressado pelo capital simbólico: uma revisão da obra de Pierre Bourdieu, A distincão*. Revista Ciências Sociais Unisins, janeiro/abril 2009, p. 89. Disponível em: www.revistas.unisinos.br. Acesso em: 10 jul. 2015.

TAYLOR, Mark C. *Confidence Games: Money and markets in a world without redemption*. London: The University Chicago Press, 2004.

VEBLEN, Thorstein. *Théorie de la classe de loisir*. Trad. Louis Evrard. Paris: Gallimard, 1970.